

# Banco Central acha que as regras não devem ser alteradas

por Coriolano Gatto  
do Rio

A Comissão de Valores Mobiliários (CVM) registrou 33 fundos de conversão, cujo valor global chega a US\$ 1,5 bilhão. Todos eles começaram a aterrissar na autarquia no início deste ano, resultado do interesse demonstrado pelas instituições financeiras em conseguir direcionar, através do leilão nas bolsas de valores, recursos para o mercado acionário.

Mas o primeiro leilão ocorrido no dia 29 de março, na bolsa carioca, mostrou claramente que os fundos, embora tenham um grande potencial, continuam a adotar um tom cauteloso. Os recursos destinados ao mercado acionário, via fundos, chegaram somente a US\$ 1,9 milhão, o que representa uma fatia de apenas 2,5% de todo o montante destinado às áreas livres (ver glossário na página 2).

O diretor da área de Mercado de Capitais do Banco Central (BC), Keyler Carvalho Rocha, explicou, contudo, a este jornal que no próximo leilão, previsto para ocorrer no dia 28, na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), o governo não estuda mudanças nas regras que permitem a conversão da dívida. No seu raciocínio, essa participação tímida dos fundos deve-se basicamente a ajustes que os administradores dos fundos no País não fizeram a tempo junto com os interessados no exterior — no caso os credores — para a

troca de dólares por cruzados.

Para o segundo leilão, Carvalho Rocha acredita que haverá uma participação mais expressiva dos fundos e, pelas suas contas, o deságio determinado no dia 29 do mês passado, de 27% para as áreas livres, está bastante em sintonia com os interesses demonstrados pelos credores, através dos fundos de conversão.

O governo, da mesma forma, não pensa em segmentar o leilão, atendendo, assim, ao pleito das bolsas, que desejam assegurar uma fatia mínima de 25% para os fundos e, com isso, ter uma margem de segurança de que haverá um montante canalizado para o mercado acionário. Isso porque, de acordo com os técnicos do BC e da CVM, quanto maior for a segmentação do leilão, maiores serão as chances de um deságio menor, em razão da diminuição da concorrência entre os investidores. E, dessa forma, com o recuo do deságio, será preciso uma quantidade menor de dólares para ser convertida em cruzados, o que não é muito interessante para o governo.

No primeiro leilão, o Credibanco, cujo capital é dividido meio a meio entre o grupo Marcelino Martins e o banco norte-americano Irving Trust, arrematou US\$ 100 mil, que serão destinados para o seu fundo de conversão. Uma cifra idêntica será destinada pelo Digibanco, do empresário Matias Machline, para o fundo.